

## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ “A PLURALIDADE NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NO BRASIL: INSTITUIÇÕES, SUJEITOS E CIRCULAÇÃO DE SABERES”

Organizadores

*ISABELLA BONAVENTURA (UNIFESP)<sup>1</sup>*

*HENRIQUE SUGAHARA FRANCISCO (INSTITUTO BUTANTAN)<sup>2</sup>*

Desde o final da década de 1980, a História das Ciências se estabeleceu como especialidade no meio acadêmico nacional, alcançando considerável institucionalização, que se constata pela sua inserção em programas *strictu sensu* da área de História, seja como linha de pesquisa, seja como eixo temático estruturante. Os trabalhos de Maria Amélia Dantes (2001) e Sílvia Figueiroa (1997) buscaram pensar a produção científica no Brasil para além das noções de “atraso”, que resultavam de comparações com instituições de pesquisa europeias ou dos Estados Unidos, posicionadas como modelo de excelência. As

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP). Mestra em História Social pela mesma instituição. Possui bacharelado e licenciatura em História pela USP. Bolsista CAPES-PDSE, entre 2022 e 2023, permaneceu por seis meses na Universidade de Buenos Aires. Realiza pesquisas sobre História das Ciências no Brasil, abordando trajetórias de pesquisadores brasileiros e argentinos da primeira metade do século XX. Também estuda os intercâmbios entre pesquisadores latino-americanos, com destaque para as comunicações entre laboratórios situados em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Possui experiência em estudos sobre gênero e ciência, História da Profissão Farmacêutica em São Paulo e História da Odontologia em São Paulo. Autora do livro "Profissão Farmacêutica em São Paulo: prática científica, ensino e gênero (1895 - 1917)" (Editora Fiocruz, 2020). Atualmente integra o Laboratório de História das Ciências, Tecnologia e Sociedade do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (LABCITE-FFLCH /USP) e o Grupo de Pesquisa Dimensões do Regime Vargas e seus desdobramentos. E-mail: [isa.bonaventura@gmail.com](mailto:isa.bonaventura@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador vinculado ao Laboratório de História das Ciências, Tecnologia e Sociedade/USP. Atualmente, é pesquisador do Centro de Memória do Instituto Butantan. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Imprensa, História da Medicina, História da Assistência e História da Saúde. E-mail: [hsfrancisco@alumni.usp.br](mailto:hsfrancisco@alumni.usp.br)

autoras se alinham às modificações metodológicas nos estudos de História das Ciências ocorridas na década de 1980, que contestavam a perspectiva de que a produção de pesquisa e o cientista dispunham de uma posição isolada do contexto social, político e material de seu tempo (Pestre, 1996).

Em consonância com essa mudança de postura analítica, entre o final do século passado e o atual, novas perspectivas metodológicas e novos objetos foram propostos na área dos *Science Studies*. Nesse sentido, podemos citar os estudos dedicados às questões de gênero na ciência (Stengers, 2023; Haraway, 1995; Schiebinger, 2001), que contestaram a noção de sujeito universal masculino da produção científica.

No âmbito dos estudos subalternos e decoloniais, cabe ressaltar as contribuições de Raj (2015), o qual nos convida a observar a produção de saber em ambientes externos ao laboratório e às instituições científicas, dispensando atenção à pluralidade de saber-fazer, produzida no trânsito entre diferentes localidades. Pensando como os estudos históricos podem contribuir à crise ambiental vivenciada na atualidade, Dipesh Chakrabarty (2013) discute os desafios de se pensar a escrita da história no Antropoceno, momento em que ação humana adquiriu a escala de força geológica.

Nesse aspecto, também são destacáveis os trabalhos de Eduardo Viveiros de Castro (2002) e Ailton Krenak (2019) sobre as cosmologias nativas e seu papel na produção de saberes, que desafiam as fronteiras entre animal, humano e mundo natural.

Em consonância com estas reflexões, a Revista Eletrônica História em Reflexão, do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados), acolheu nossa proposta, publicando o dossiê temático “A pluralidade na História das Ciências no Brasil: instituições, sujeitos e circulação de saberes”, que vem a público em dezembro de 2024. Alegramos-nos diante do grande volume de trabalhos recebidos, o que demonstra o interesse da comunidade de pesquisadoras(es) em pensar maneiras inclusivas e diversas de se abordar as ciências e as práticas de saber-fazer. Em consequência desse engajamento, anunciamos que o dossiê contará com um número suplementar, previsto para janeiro de 2025.

Neste volume, apresenta-se a entrevista “O giro decolonial para se pensar

a história das ciências: uma entrevista com Ricardo dos Santos Batista”, concedida pelo Professor Doutor Ricardo Bastista (UNEB) aos editores Isabella Bonaventura e Henrique Sugahara Francisco. Essa conversa destaca a maneira como compreendemos a pluralidade nas ciências, sua circulação no contexto global, bem como os desafios e surpresas que tais estudos apresentam ao ofício e formação das historiadoras(es) latino-americanas(os).

Quanto aos artigos que compõem este dossiê, apresentam-se trabalhos dedicados a pensar a trajetória de mulheres cientistas, evidenciando as interfaces entre gênero e ciência. Os estudos de pesquisadoras e pesquisadores nas áreas da ciência natural, botânica e química, atuantes nos séculos XIX e XX, também foram contemplados. Destacam-se análises sobre o modo como cientistas se envolveram na escrita e publicação da história de suas áreas, assim como na constituição da História das Ciências como especialidade.

Adicionalmente, o dossiê abrange o campo da História Ambiental em artigo sobre os diferentes agentes envolvidos nas dinâmicas das políticas ambientais brasileiras no final do século XX. Já as interfaces entre produção científica e sua circulação foram abordadas em artigos sobre viagens e expedições científicas, realizadas nos séculos XIX e XX. Tais trabalhos destacam a influência de instituições científicas, viajantes e coleções museológicas na formação de identidades regionais baseadas em teorias raciais, bem como na produção de materiais relevantes para o estudo do território brasileiro, das doenças e, também, para a formação de coleções em museus brasileiros.

Igualmente se encontram reunidos textos pertencentes ao campo da História da Medicina, da saúde e das doenças. Enfocando diferentes contextos espaço-temporais, alguns dos escritos analisam as aproximações, os arranjos e as tensões entre o saber médico e as terapias alternativas de cura, bem como as controvérsias científicas e profissionais entre os esculápios e os bacharéis em Direito. A circulação (e reapropriação) do conhecimento produzido pelos médicos também se faz presente em artigos que tratam da elaboração, nos séculos XVIII e XIX, de manuais contendo aconselhamentos sobre saúde destinados ao público não especializado. Além disso, outros dois temas se encontram examinados neste volume: as trajetórias intelectuais de médicos em

outros ramos da sociedade e os discursos médicos e medidas estatais diante dos descendentes de indivíduos acometidos de doenças contagiosas.

## REFERÊNCIAS

BONAVENTURA, Isabella. **Profissão Farmacêutica em São Paulo: prática científica, ensino e gênero (1895 - 1917)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

CHAKRABARTY, Dipesh. “O clima da história: quatro teses”. In: **Sopro**, n. 91, p. 4-22, 2013.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; SOBRINHO, Carlos Roberto Galvão (orgs.) **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

CUETO, Marcos. PALMER, Steven. **Medicina e Saúde Pública na América Latina: uma história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

DANTES, Maria Amélia. **Espaços da Ciência no Brasil: 1800 - 1930**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FIGUEIRÔA, Sílvia. **As Ciências Geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANCISCO, Henrique Sugahara. **Entre curativos e conflitos: o Posto Médico da Assistência Policial e a formação dos socorros de urgência na cidade de São Paulo (1911 - 1933)**. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo, 2022.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Campinas: **Cadernos Pagu**, n.5, 1995.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos: ensaios de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 2009.

MARINHO, Maria Gabriela; BATISTA, Ricardo dos Santos; PORTO, Paloma; NEMI, Ana; CAMPOS, Cristina de. The modernization of medical education in Brazil: Rockefeller Foundation funding and the Ribeirão Preto Medical School in a development context (1951-1964). **Historia Crítica** (Bogota, Colombia), n. 93, p. 53–78, 2024.

MOTA, André. **Tropeços da medicina bandeirante**: medicina paulista entre 1892 - 1920. Edusp, 2005.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens, **Cadernos IG/Unicamp**, v. 6, n. 1, 1996, p. 03-56.

RAJ, Kapil. Além do pós-colonialismo... e pós-positivismo. Circulação e a História Global da Ciência. **Revista Maracanan**, vol. 13, dez./2015, pp. 164-175.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru-SP, EDUSC, 2001.

SILVA, Márcia Regina Barros. **O Laboratório e a República**: saúde pública, ensino médico e produção de conhecimento em São Paulo (1891 - 1933). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**: e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível**: manifesto por uma desaceleração das ciências. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, p. 113-148, 2002.